

# Depressão na esfera escolar: um relato de experiência sobre a perspectiva de alunos de ensino médio a respeito da depressão na escola

## RESUMO

**Cássia Corrêa Theodoro**  
[cassiatheodoro@alunos.utfpr.edu.br](mailto:cassiatheodoro@alunos.utfpr.edu.br)  
<http://orcid.org/0000-0002-2675-5730>  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil

**Marisa Corrêa Lima Ricci Neta**  
[marisarvuzaki@gmail.com](mailto:marisarvuzaki@gmail.com)  
<http://orcid.org/0000-0002-1073-9541>  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil

A depressão é uma doença mental que tem afetado cada vez mais pessoas ao longo dos anos, apresentando estatísticas alarmantes. Em 2015, a Organização Mundial da Saúde (OMS), informou que, ao todo, cerca de 322 milhões de pessoas sofrem da doença mundo afora, de forma que esses dados vem preocupando tanto órgãos públicos da saúde, quanto a mídia e, sobretudo, o meio acadêmico. Contudo, a maioria das pesquisas que permeiam o tema na área educacional abordam a perspectiva dos professores. Desta maneira, o presente artigo busca dar voz aos alunos e conhecer as suas experiências durante o período do Ensino Médio, no que diz respeito a depressão em sala de aula. Para isso, o presente trabalho se baseia em autores da área de Psicologia (BAHLS; BAHLS, 2002) e da educação (MANTOAN, 2003) para discutir os conceitos acerca da depressão e da educação inclusiva. Com base no artigo “A visão do professor do ensino regular em relação à depressão: Uma formação necessária” (2016) escrito por Izovania Andrade e publicado pela Secretaria da Educação do Estado do Paraná (SEED/PR), a partir do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), foi elaborado um questionário de caráter qualitativo e quantitativo, o qual foi compartilhado via internet. Este questionário teve o propósito de verificar se as práticas sugeridas pelo documento têm sido, de fato, executadas nas escolas. No final da pesquisa, é possível atestar que a visão dos alunos com depressão é, na maior parte do tempo, desprezada pelos professores, uma vez que os funcionários da escola não interpretam corretamente e também distorcem a visão dos discentes. Por fim, faz-se necessário que os docentes voltem sua atenção à esses indivíduos, levando em conta sua bagagem cultural, social e histórica, além de compreendê-los em sua integridade. Ao lutar pela integração efetiva dos alunos com depressão, será possível contribuir, então, para a diminuição dos índices preocupantes que relacionam a doença com a escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Depressão. Educação inclusiva. Alunos.

## INTRODUÇÃO

A depressão afeta mais de 300 milhões de pessoas ao redor do mundo, segundo o informativo publicado pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) em março de 2018. De acordo com dados divulgados pelo G1 (2017) a partir de uma pesquisa realizada em 2015 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é considerado o país com maior incidência dos casos de depressão na América Latina, sendo 5,8% da população é acometida pela doença, que é o equivalente a 11,5 milhões de pessoas.

Através desses dados preocupantes, opta-se pela escolha deste tema pela relevância que tem nos dias atuais, visto a necessidade de fomentar reflexões sobre o papel da sociedade, mais especificamente da escola, no combate à depressão. Desta forma, a presente pesquisa fora orientada no decorrer da disciplina de Educação Inclusiva e Diversidade em 2019, que está inserida na grade curricular obrigatória do curso de Letras - Inglês, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). A motivação inicial é efetuar um relato de experiência buscando compreender a visão dos alunos de Ensino Médio regular que possuem depressão. Além disso, é levado em consideração que as atuais pesquisas focam apenas a perspectiva do professor ou, então, em como fazer esses alunos se sentirem incluídos nas aulas, sem refletir como o aluno se sente no ambiente escolar. Portanto, nota-se uma necessidade em compreender a visão dos discentes, sendo um aspecto importante para analisar não só o desempenho escolar, mas também a saúde mental dos discentes.

O objetivo geral da pesquisa é apresentar relatos que discorram sobre experiências na esfera escolar de alunos com depressão, a fim de debater ideias sobre a inclusão desses indivíduos. Espera-se, além disso, buscar teóricos sobre a depressão, inclusão e atuação dos docentes em sala; aplicar um questionário online, procurando relatos de experiências de estudantes, ou ex-estudantes, com depressão em relação ao *bullying*, faltas, apoio pedagógico e de professores; e analisar e discutir os dados gerados a partir do questionário online.

Primeiramente, foi realizada uma revisão de literatura que embasasse a discussão acerca do tema da depressão, inclusão escolar e a prática inclusiva dos professores em relação aos alunos com depressão. Após estabelecer uma base teórica, foi produzido um questionário online com base no artigo escrito pela autora Izovania Andrade e publicado pela Secretaria de Estado da Educação Programa de Desenvolvimento Educacional (SEED/PDE) do Estado do Paraná, intitulado “A visão do professor do ensino regular em relação à depressão: Uma formação necessária” (2016). O presente artigo orienta escolas e professores sobre o que fazer a respeito do aluno com depressão. Deste modo, as questões elaboradas buscam saber se de fato há a aplicação das orientações durante a vivência de alunos e/ou ex-alunos no Ensino Médio. A pesquisa tem caráter quantitativo, por levantar dados estatísticos e, também, qualitativo por possuir perguntas abertas a fim de analisar as experiências dos alunos.

O intuito é de que, a partir da pesquisa realizada, sejam discutidos em estudos futuros, possíveis metodologias com a finalidade de aprimorar a abordagem dos professores dentro da sala de aula, uma vez que essa doença está cada vez mais presente na sociedade.

## DEPRESSÃO E ADOLESCÊNCIA

Primeiramente, é relevante saber que a ideia da depressão ser considerada uma doença é relativamente nova. Por muito tempo, foi conceituada especificamente como uma patologia que acometia apenas a adultos, assim como confirma Biazus e Ramires (2012, p. 84) que “somente a partir de 1960 sua ocorrência foi relacionada à infância e adolescência”. É importante notar os sintomas e saber que eles também possuem graus diferentes entre si, portanto, a depressão pode variar entre leve, moderada e profunda. Entre os principais sintomas estão:

sensação de tristeza, autodesvalorização e sentimento de culpa. Acreditam que perderam, de forma irreversível, a capacidade de sentir prazer ou alegria. Tudo parece vazio, o mundo é visto sem cores, sem matizes de alegria. Muitos se mostram mais apáticos do que tristes, referindo “sentimento de falta de sentimento”. Julgam-se um peso para os familiares e amigos, invocam a morte como forma de alívio para si e familiares. Fazem avaliação negativa acerca de si mesmo, do mundo e do futuro. Percebem as dificuldades como intransponíveis, tendo o desejo de por fim a um estado penoso. Os pensamentos suicidas variam desde o desejo de estar morto até planos detalhados de se matar. (BRASIL, 2019).

Quando se reflete sobre a depressão na adolescência, deve-se entender que “é falar sobre uma depressão diferenciada, com causas e efeitos específicos, que requerem uma compreensão e um modelo de intervenção também específicos” (BIAZUS, RAMIRES, 2012, p. 90). Nesta fase da vida existem diversas transformações físicas, sociais e mentais, visto que na adolescência ocorre uma busca por uma nova identidade, por ser um processo de transição da infância para a fase adulta. Isso faz com que nenhum desses dois grupos representem mais o jovem, gerando uma crise de identidade e fazendo com que todas essas recorrentes mudanças possam ser dolorosas.

Muitas vezes essa doença começa na adolescência e se iniciado o tratamento ainda nessa fase da vida, existe um índice de 74% de melhora em até um ano. Caso não resolvido com antecedência, pode não só se estender para a fase adulta, como pode ocorrer a chamada comorbidade - que é a união de duas patologias. Segundo Bahls e Bahls (2002, p. 4) as mais ocorrentes na adolescência são: transtornos de ansiedade (30% a 80%), a distímia (33%), o abuso de substâncias (20% a 30%), o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (50%) e os transtornos de conduta (10% a 80%). Ainda que futuramente o quadro depressivo se neutralize, outras patologias podem continuar a afligir o indivíduo. Outro ponto que é necessário estar atento é que a depressão na adolescência possui diversos sintomas próprios desta faixa etária como: alterações significativas de peso, irritabilidade, isolamento social, dificuldades na escola ou evasão escolar, desmotivação, desinteresse, baixa autoestima, comportamento de risco, abuso de substâncias como álcool e drogas, entre outros.

Outros fatores igualmente preocupantes são os índices e/ou tentativas de suicídio nessa fase da vida, a sua idealização é considerada comum e aumenta após a puberdade (BAHLS; BAHLS, 2002, p. 5). Ainda, segundo o citado autor, “adolescentes apresentam taxas de ideação suicida que variam entre 23 a 27%, e 3,5% relatam pelo menos uma tentativa de suicídio”. No Brasil, o suicídio é a quarta maior causa de mortes entre jovens, e pessoas entre 10 a 19 anos

representam 44,8% dos óbitos de acordo com o 1º Boletim do Suicídio no Brasil, divulgado pelo SUS em 2017.

## EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A inclusão é um tema recorrente no âmbito educacional. Assim, sendo um assunto amplamente discutido, tem a finalidade de encontrar soluções para as pessoas com algum tipo de deficiência, doença, ou que sofrem algum tipo de discriminação, serem inseridas na sociedade, por meio do ensino regular. A educação, então, procura atingir todas as pessoas e transformar suas vidas, até daqueles com as mais variadas deficiências, como:

as deficiências físicas (de origem motora: amputações, malformações ou sequelas de vários tipos, etc.), as deficiências sensoriais, que se dividem em deficiências auditivas (surdez total ou parcial) e visuais (cegueira também total ou parcial) e as deficiências mentais (de vários graus, de origem pré, peri ou pós-natal). As deficiências múltiplas se definem pela existência de um ou mais tipos de deficiência em um mesmo indivíduo. (DINIZ, 2012, p.52).

Portanto, a educação inclusiva tem como objetivo não deixar ninguém de fora da escola comum e ensinar todas as crianças, indistintamente (DUTRA, 2015).

Apesar da existência de leis que garantem a esse grupo de pessoas um ensino especializado, as escolas regulares também possuem diversos aspectos a serem melhorados juntamente com os governos (municipais, estaduais e federais) e por isso, muitas vezes, o ensino ofertado a esses alunos não é de qualidade. As escolas, em geral, não dispõem de uma estrutura física adequada e um corpo docente especializado para atender o aluno de acordo com a sua necessidade. Alves (2015) afirma que

Quando falamos em inclusão escolar, não é de se esperar que o aluno deva se adequar à escola, e sim a escola deve estar adequada para as necessidades do aluno. Do contrário, estaríamos falando em integração escolar: o aluno se integraria, se adaptaria ao modo de funcionamento de uma escola. Nos dias atuais o que prevalece é esta integração escolar e isso dificulta demasiadamente a relação ensino-aprendizagem. (ALVES, 2015).

Considerando, então, essa problemática que as escolas enfrentam para solidificar a inclusão e como isso influencia no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com necessidades especiais, cabe aos docentes tornarem o ambiente escolar o mais acolhedor possível, a fim de favorecer o desenvolvimento individual de cada aluno. O professor é considerado referência para o aluno, deixando de ser um mero instrutor; ele tem papel fundamental na construção do conhecimento, formação de atitudes e valores do cidadão (MANTOAN, 2015, p. 44).

A verdade é que nenhum professor nasce sabendo como ser um professor, como elaborar atividades e avaliações ou como fazer o processo de interação e construção do conhecimento ser efetivo. Ao questionar sua própria prática, comparar, analisar as circunstâncias e os fatos que provocam perturbações e/ou respondem pelo sucesso escolar, os professores vão definindo, pouco a pouco, as suas teorias pedagógicas (MANTOAN, 2015, p. 44).

## A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM SALA DE AULA: COMO OS PROFESSORES AGEM EM RELAÇÃO AOS ALUNOS COM DEPRESSÃO?

Quando o professor entra em sala de aula irá se deparar com alunos diferentes entre si. O professor que acompanha sua turma, deve estar atento às mudanças no comportamento de seus alunos - como isolamento, falta de interação social, oscilações emocionais e motivacionais como autoestima e assim por diante. Sendo assim uma figura essencial para detectar algum tipo de doença, deficiência ou problema social - como a discriminação, racismo, homofobia e entre outros. Logo, o olhar do docente é demasiado importante e necessário para identificar tais ocorrências. No caso da depressão,

Embora o diagnóstico de depressão infantil não seja nem deva ser papel dos educadores, a escola e o professor desempenham uma função extremamente relevante no reconhecimento dos sintomas de depressão, uma vez que a presença da depressão de fato interfere no rendimento do aluno e também tende a influir no emprego de estratégias de aprendizagem. (BRUMBACK E COLS, 1980, *apud* CRUVINEL; BORUCHVITCH, 2004, p. 376).

Apesar da depressão ser um fator que interfere no rendimento escolar, segundo Brumback e Cols (1980),

as crianças são capazes intelectualmente, não apresentando nenhum déficit de inteligência. Essa constatação sugere que o baixo rendimento pode ser consequência da depressão, em função da falta de interesse e motivação da criança em participar de atividades escolares. (*apud* CRUVINEL; BORUCHVITCH, 2004, p. 370).

Assim sendo, é essencial que o professor encoraja o aluno a nunca desistir, apesar das dificuldades e das limitações encontradas durante a caminhada escolar. É necessário buscar meios para ajudá-los a vencer os obstáculos, instigando em seus alunos a capacidade de progredir, explorando suas habilidades e expandindo seus horizontes. Com a metodologia apropriada, o professor compreende o aluno em sua singularidade como pessoa única na maneira de ser, oportunizando também condições melhores para o rendimento escolar, no desenvolvimento da personalidade e no desempenho emocional.

Por outro lado, nem sempre é fácil lidar com a depressão no contexto do ensino regular e, mesmo assim, grande parte dos adolescentes sofrem calados, outros se expressam na rebeldia e na indisciplina por medo de serem descobertos e de não serem aceitos ou compreendidos pelos seus pais, familiares e professores. Alves (2015) afirma que não devemos responsabilizar o indivíduo pelo seu fracasso escolar, de modo que nem sempre o sujeito é capaz de atender todas as demandas da escola. Portanto, não se trata de buscar resultados rápidos e superficiais. Deve-se então, refletir que as escolas existem para formar as novas gerações e não apenas alguns futuros membros da sociedade, os mais capacitados e privilegiados. Os alunos com depressão necessitam de atenção e metodologias diferenciadas, para que sejam todos acolhidos, incluídos, tendo acesso ao conhecimento assim como todos os outros alunos.

## METODOLOGIA

A aplicação do questionário formulado no Google Forms foi compartilhado pela internet, contendo 25 perguntas ao total, dentre elas: 15 fechadas e 10 abertas, sendo que para as fechadas as respostas são obrigatórias e opcionais a resposta para as perguntas abertas. Foi obtido um montante de 184 respostas que serão analisadas nos tópicos a seguir.

### Análise do Perfil dos Informantes

Os participantes da pesquisa possuem uma faixa etária de 15 a 20 anos ou mais, de maneira que 70 dos respondentes ainda cursam graduação, 20 já completaram o Ensino Médio e 77 ainda cursam o Ensino Médio. Um fato interessante que foi notado durante a análise do perfil dos participantes é que a maior parte dos informantes estudaram ou estudam em escola pública, sendo 124 (67,4%) respostas e 60 (32,6%) pessoas que estudaram em escolas particulares. Em relação aos laudos médicos, mais da metade (53,8%) não possuem um parecer médico atestando a doença. Contudo, de acordo com Cruvinel e Boruchvitch (2004, p. 370) compreende-se a dificuldade da família e dos educadores em reconhecer os sintomas de depressão na criança, agravando a situação. Muitas vezes, pais e professores não identificam corretamente esses sintomas em crianças, que acabam não recebendo orientação e tratamento adequados.

Além disso, é importante destacar que os fatores socioeconômicos do Brasil dificultam o acesso à informação, como também as terapias indicadas para o tratamento da depressão. Desta forma, foram considerados tanto os informantes com a doença diagnosticada quanto os sem laudo médico, tendo em vista que no decorrer da pesquisa ambos os grupos apresentaram posicionamentos relevantes para o relato.

### Análise do Questionário

Depois de caracterizar os informantes, a primeira pergunta tratava sobre como os professores agiam e se conversavam com os alunos sobre o estado emocional deles. Segundo os dados coletados, 125 (67,9%) responderam que nenhum professor conversou com os alunos em relação ao estado emocional, enquanto 59 (32,1%) disseram que os professores procuravam saber o que os alunos estavam sentindo. Este é um dado interessante visto que o professor possui uma convivência diária com a turma, de maneira que, perceber que algo não está indo bem, é uma questão de observar o comportamento de seus alunos. De acordo com o PDE (2016), as duas primeiras ações do professor em sala deve ser acolher os alunos utilizando seu tempo de contato para perguntar como eles estão e caso algo não estiver indo bem, o professor não deve ter receio de perguntar, fazendo isso individualmente, sem chamar a atenção dos alunos. A falta de laços afetivos e confiança entre professores e alunos dificulta a identificação da depressão, que poderia ocorrer mais cedo e ser tratada antes de qualquer outro agravamento.

A segunda pergunta, abordava o menosprezo por parte de funcionários da escola, professores, e se tal conduta atingia o aluno depressivo. Das 184 respostas, 112 (60,9%) eram positivas, que os funcionários menosprezavam os sentimentos dos alunos e 72 (39,1%) eram negativas. O PDE (2016) coloca no terceiro item de

orientação que não se deve “menosprezar o sofrimento do aluno. Escutar com atenção, afeto e sem julgamentos é fundamental para ajudar”. Após a pergunta objetiva de “sim” e “não”, inserimos a pergunta: “Se sim, fale mais sobre isso.” e, por não ser obrigatória, das 184 respostas obtidas no questionário, apenas 67 pessoas optaram por responder a pergunta aberta. Foi constatado que os funcionários da escola se expressavam de maneira essencialmente negativa, tirando conclusões precipitadas sobre os sentimentos dos alunos ou sobre a situação que eles estavam vivendo, como aponta a Tabela 1.

Tabela 1 – As formas do menosprezo

Expressões frequentemente ouvidas pelos alunos	Quantidade de respostas
Frescura	9
Preguiça	6
Desculpa	6
Drama	5
Chamar atenção	4
Falta do que fazer	2

Fonte: Autoria própria (2019).

Outras perguntas debatiam acerca das dificuldades dos alunos no desenvolvimento das atividades em sala, especialmente as que eram avaliativas, em que 116 (63%) apresentavam tal dificuldade e 68 (37%) não apresentavam esse contratempo. As atividades avaliativas podem servir de termômetro para o professor medir o quão eficaz é a sua prática e como está o avanço dos respectivos alunos. Tendo isso em mente, o avanço do seu aluno com depressão pode ser comprometido caso o professor não esteja atento às possíveis dificuldades que podem ser encontradas pelos discentes durante as avaliações.

O isolamento também é uma característica da depressão, em que 131 (71,2%) dos informantes afirmam que em algum momento de seu Ensino Médio se sentiram isolados e que 53 (28,8%) não se sentiram desta forma. Mesmo com a tendência do isolamento, o PDE (2016) sugere que sejam realizados trabalhos em grupos de modo a incluir esse aluno e instruir o professor a como proceder diante dessa situação: deixando que os próprios alunos formem os grupos, incentivando o acolhimento entre eles, observando como isso tem impacto na autoestima do estudante. Entretanto, uma das perguntas feitas durante a pesquisa mostra como os trabalhos em grupo podem ser prejudiciais na aprendizagem e nas relações entre os alunos, de forma que 114 (78,3%) não se sentiam confortáveis ao realizar esse tipo de tarefa e apenas 40 (21,7%) não se importavam em fazer trabalhos em grupo. Em seguida, os informantes que responderam que não se sentiam confortáveis puderam responder a uma questão aberta descrevendo a própria experiência. A Tabela 2 demonstra as respostas mais recorrentes.



Tabela 2 – Trabalhos em grupo

Respostas	Quantidade de respostas
Acabavam fazendo sozinhos	13
Se sentiam excluídos	12
Se sentiam nervosos na hora de apresentar	12
Professores obrigavam a realizar em grupo ou a apresentar	10

Fonte: Autoria própria (2019).

Como mencionado anteriormente, na fundamentação teórica, outro aspecto em que a equipe pedagógica, juntamente com os professores, deve estar atenta é a respeito da evasão escolar. Durante a realização da presente pesquisa, foi possível notar que muitos alunos optam por faltar as aulas como uma espécie de refúgio, uma vez que não tinham qualquer motivação para ir à escola. Com a finalidade de compreender mais sobre o assunto, elaboramos uma pergunta objetiva para saber se nossos informantes já haviam passado por tal situação. Assim, 112 (60,9%) afirmam que nunca estiveram em períodos longos ou médios de evasão escolar, enquanto 72 (39,1%) já vivenciaram isso. Ainda com o intuito de se aprofundar no assunto, perguntamos abertamente “Se sim, alguém da escola te contactou sobre isso?”. Embora a maioria dos informantes que responderam esta pergunta tenham sido contactados (36 respostas afirmativas e 19 negativas), ao ler as respostas abertas, nota-se que, infelizmente, esse contato não foi eficaz.

Outra ponto que consideramos essencial ressaltar na pesquisa foi a questão do *bullying*, no caso dos informantes terem sofrido ou não dessa prática. 64 (34,8%) negam ter sofrido *bullying* durante o Ensino Médio e 120 (65,2%) das pessoas afirmam que já enfrentaram essa situação. Contudo, o *bullying* tem expressiva influência sobre o desenvolvimento da depressão, de modo que prejudica o psicológico, o desenvolvimento da inteligência e a capacidade de aprendizagem (FANTE; PEDRA, 2008, *apud* SILVA, 2010, p. 29).

Ponderando que o *bullying* é uma das razões que levam um adolescente a se tornar depressivo, foi perguntado se as escolas ofereciam algum tipo de apoio psicológico e/ou psicopedagógico para denunciarem práticas do *bullying*. Sobre essa assistência disponibilizada aos alunos, 152 (82,6%) dos informantes afirmaram a ausência de qualquer tipo de apoio psicológico oferecido pela escola e 32 (17,4%) confirmaram a presença desse apoio, que consiste nas funções descritas na Tabela 3.

Tabela 3 – Tipo de apoio psicológico

Pessoas no âmbito da escola que oferecem algum tipo de apoio aos alunos	Quantidade de respostas
Psicóloga	12
Pedagoga	6
Funcionários da escola	6

Fonte: Autoria própria (2019).



Além do apoio psicológico, a inclusão é demasiada importante para o desenvolvimento dos aspectos sociais dos próprios alunos. A inclusão na escola se prova essencial para que haja boas relações e compreensão entre os seres, tornando o ambiente escolar mais agradável. Desta maneira, a Tabela 5 demonstra o aspecto da inclusão na escola durante o ensino médio.

Tabela 4 – Você se sentia ou se sente incluído na escola?

Respostas	Quantidade de respostas
Não	107
Sim	44
Mais ou menos	30
Incluídos através das amizades	44

Fonte: Autoria própria (2019).

Por fim, e não menos importante, a última questão a ser aqui discutida é referente à abordagem do tema depressão em sala de aula e como isso poderia ter influenciado de maneira positiva acerca do diagnóstico e tratamento da doença. Dos 184 informantes, 35 (19%) afirmam que o tema foi discutido em sala de aula, enquanto 149 (81%) negam ter visto depressão como um tópico de aula, com a finalidade de abrir espaço para discussões e conscientizar os alunos sobre a doença. Outras duas perguntas foram feitas a partir desta última, sendo “1) se sim, como era e; 2) se não, se fosse abordado, poderia ter ajudado de alguma forma?”, que são exibidas na Tabela 6.

Tabela 5 – Abordagem do assunto “depressão” em sala de aula

Se sim, como era?	Quantidade de respostas
Realizavam projetos	4
Abordado durante as aulas	12
Superficialmente comentado	9
Palestras	4
Não era abordado/Abordado inadequadamente	7

Fonte: Autoria própria (2019).

Tabela 6 – Abordagem do assunto “depressão” em sala de aula

Se fosse abordado, teria ajudado de alguma forma?	Quantidade de respostas
Seria útil	56
Não seria útil	1

Fonte: Autoria própria (2019).

Observando os dados recolhidos, é notável o papel que as escolas têm sobre tornar a depressão um assunto recorrente nas atividades do cotidiano das crianças e jovens. Pensando não apenas nos alunos que não sofrem da doença, é preciso incentivar discussões para que surja a reflexão sobre o tema e o respeito mútuo.

Além disso, a promoção do assunto pode ser uma forma de identificação de sintomas e a descoberta de diagnósticos com antecedência, sendo assim possível iniciar um tratamento adequado o quanto antes.

A partir das respostas, constata-se o despreparo das escolas e sua falta de sensibilidade ao se deparar com um aluno depressivo e a ausência de informações e orientações adequadas que poderiam ser oferecidas à esse indivíduo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do processo de produção desta pesquisa, compreender mais sobre o mundo e a realidade desses alunos que possuem depressão foi um processo um tanto quanto complicado. Não só para desenvolver a pesquisa e analisar os dados, mas como também o processo de leitura em si, já que muitos escreveram uma espécie de desabafo ou experiências detalhadas, tornando os dados fornecidos leituras intensas de serem feitas.

Com este estudo, foi possível observar que ainda há muito a ser feito pelos alunos que têm depressão, de maneira que os discentes não se sentem relevantes durante o processo de ensino, o que consecutivamente afeta seu desempenho acadêmico. A discussão a respeito desse assunto deve ser realizada para que haja engajamento social e conscientização sobre sua relevância. Porém, é necessário que essas discussões possam gerar atitudes práticas a serem aplicadas, de modo que os alunos possam se sentir incluídos no ambiente escolar.

Vale ressaltar a relevante função na orientação dos discentes. O docente deve estar atento ao desenvolvimento da turma, de maneira que, observando o desempenho do grupo, possa obter um “indicador importante da qualidade do trabalho pedagógico, porque o fato de a maioria dos alunos estarem se saindo bem, não significa que o ensino ministrado atenda às necessidades e possibilidades de todos” (MANTOAN, 2015, p. 46). Dessa maneira, o professor pode contribuir para um melhor rendimento e desenvolvimento escolar dos alunos.

Somente com a ajuda das instituições de ensino é possível acolher esses alunos. Todas as escolas como instituições têm uma parcela relevante a ser preenchida nesse longo processo de adaptação que é a inclusão educacional. As leis e diretrizes existentes se mostram, muitas vezes, superficiais não sendo visível a devida aplicação nas instituições. Para que essa superficialidade seja superada, é necessário que a comunidade escolar - pais, diretores, coordenadores e, até mesmo nós, professores - trabalhem em conjunto para sermos capazes de atender nossos alunos e, também, proporcionar um local de ensino efetivo para eles. Espera-se que a partir desse trabalho, mais pesquisas sejam desenvolvidas a respeito desse tema, em especial possíveis soluções das problemáticas aqui descritas.

# Depression on the scholar setting: an experience report about high school students perspective regarding depression in schools

## ABSTRACT

Depression is a mental illness that has been affecting a lot more people over the years, presenting worrying data. In 2015, the World Health Organization (WHO), reported that 322 million people worldwide have been suffering depression, so that these statistics have been worrying health agencies, the media and, especially, the academic environment. However, most part of the academic researchers on this theme, in the educational, area only focus on the teacher's perspective of the problem. Thus, this work aims to give students a voice, through an experience report, and also, through students who have depression, know about their experiences during high school regarding depression inside the classroom. This work is based on authors regarding Psychology (BAHLS; BAHLS, 2002), and Education (MANTOAN, 2015) to discuss concepts concerning depression and inclusive education. Based on the article "A visão do professor do ensino regular em relação à depressão: Uma formação necessária" (2016) written by Izovania Andrade and published by Secretaria da Educação do Estado do Paraná (SEED/PR), through the Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), the authors developed a qualitative and quantitative questionnaire, which was shared with the participants via Internet. This questionnaire intended to verify whether the practices suggested by the document have actually been implemented in schools. At the end of the research, it is possible to attest that the view of students with depression is mostly disregarded by teachers since the school staff does not correctly interpret and also distort the students' view. Finally, it is necessary that teachers turn their attention back to these students, taking into account their cultural, social and historical background, besides comprehending them in their own integrity. Fighting for the effective integration of students with depression, it will be possible to contribute to the reduction of the worrying rates that relate the disease to the school.

**KEYWORDS:** Depression. Inclusive Education. Students.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos às 184 pessoas que tiraram um pouco do seu tempo para responder nosso questionário e contribuir com a presente pesquisa. Tentamos, através deste relato de experiência, dar voz à essas pessoas e mostrar que elas também têm um lado na história.

## REFERÊNCIAS

ALVES, H. C. O. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE ALUNOS COM TRANSTORNO MENTAL: uma exclusão velada.** Disponível em:

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/educacao-inclusiva-de-alunos-com-transtorno-mental-uma-exclusao-velada/67703>. Acesso em: 06 jun. 2019.

ANDRADE, I. A. **A visão do professor do ensino regular em relação à depressão: Uma formação necessária.** Curitiba: 2016. 2 v. Disponível em:

[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_pdp\\_edespecial\\_uenp\\_izovaniaaparecidaandrade.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_edespecial_uenp_izovaniaaparecidaandrade.pdf). Acesso em: 06 jun. 2019.

BAHLS, S; BAHLS, F. R. C. **Depressão na adolescência: características clínicas.** Interação em Psicologia, [s.i], v. 06, n. 01, p. 49-57, jun. 2002.

BIAZUS, C. B; RAMIRES, V. R. R. **Depressão na adolescência: uma problemática dos vínculos.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n. 1, p.83-91, jan. 2012.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Depressão: causas, sintomas, tratamentos, diagnóstico e prevenção.** 2019. Disponível em: <http://saude.gov.br/saude-de-az/depressao>. Acesso em: 21 ago. 2019.

CRUVINEL, M; BORUCHOVITCH, E. **Sintomas depressivos, estratégias de aprendizagem e rendimento escolar de alunos do ensino fundamental.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 3, p.369-378, set/dez, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a04.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019.

**Depressão cresce no mundo, segundo OMS; Brasil tem maior prevalência da América Latina.** Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/depressao-cresce-no-mundo-segundo-oms-brasil-tem-maior-prevalencia-da-america-latina.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2019.

DINIZ, M. **A inclusão de pessoas com deficiência e/ou necessidades específicas: avanços e desafios.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

DUTRA, C. P. Prefácio. In: MANTOAN, M. T. E.. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=OpxxBgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=inclus%C3%A3o+escolar&ots=Y>

ZCw-

VyotJ&sig=NGIXwgjHSPmFc3zrm9eB3IPfRTg#v=onepage&q=%20indistintamente  
&f=false. Acesso em: 06 jun. 2019.

**Folha informativa - Depressão.** 2018. Disponível em:

[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095). Acesso em: 02 jul. 2019.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo, Summus Editorial, 2015. Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?hl=pt-](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=OpxxBgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=inclus%C3%A3o+escolar&ots=Y)

[BR&lr=&id=OpxxBgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=inclus%C3%A3o+escolar&ots=Y](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=OpxxBgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=inclus%C3%A3o+escolar&ots=Y)  
ZCw-

VyotJ&sig=NGIXwgjHSPmFc3zrm9eB3IPfRTg#v=onepage&q=%20indistintamente  
&f=false. Acesso em: 06 jun. 2019.

SILVA, C. M. L. **Bullying e depressão no contexto escolar: um estudo psicossociológico.** 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Aspectos Psicossociais de Prevenção e Saúde Coletiva, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em:  
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7004/1/arquivototal.pdf>.  
Acesso em: 02 jun. 2019.